Autor: Efêmero

Meu Último Dia das Bruxas

Era quase fim de outubro quando meus amigos decidiram me arrastar para uma festa de dia das bruxas de última hora. Eu não sou exatamente o tipo de pessoa que adora festas, mas algo na atmosfera sombria dessa ocasião me intrigou. Usar fantasia era opcional, mas gosto de fugir de mim mesmo quando a ocasião se apresenta. E assim, me vesti de esqueleto: personagem que combina perfeitamente com meu corpo magro. Por volta das 20h45min, cheguei à festa. Eu sabia que essa celebração se estenderia pela madrugada, então escolhi o momento perfeito para aparecer. Encontrei meus amigos agrupados em um canto escuro próximo ao palco onde o DJ estava bombardeando a multidão com suas batidas ensurdecedoras. O som era tão alto que quase parecia estar se infiltrando em meus ossos. Depois de algumas bebidas, eu não apenas ouvia a música, eu a sentia percorrer cada parte de mim, como se eu estivesse prestes a ser levado por uma força sombria além da compreensão, era pra isso que eu havia ido! Enquanto eu me jogava no ritmo da música, senti um leve toque no meu ombro. Era meu amigo, aquele que me arrastou para a festa, me chamando pelo meu nome. Ele me disse para dar uma olhada no canto oposto do palco, insistindo que alguém estava me encarando há algum tempo. O álcool das bebidas estava finalmente começando a fazer efeito. Mas, depois de alguns segundos tentando focar, minha visão se ajustou para aquela imagem na minha frente, e meu coração congelou.

Lá estava ela, uma figura em uma fantasia tão realista e tenebrosa que merecia um prêmio. Usava uma máscara preta com arranhões profundos, como se tivessem sido feitos por garras humanas. Seus cabelos longos e desgrenhados emergiam diretamente da máscara. O terno azul escuro estava manchado de sangue seco e envelhecido. Eu quis acreditar que era falso, mas algo na aparência macabra me dizia o contrário. O que me deixou verdadeiramente apavorado foi quando olhei por através das fendas da máscara. Ali, onde deveriam estar os olhos, havia apenas o vazio. O nariz da máscara era inexistente, e a boca tinha uma pequena abertura através da qual eu podia ver os lábios da pessoa por trás, costurados como se fossem feitos em uma cirurgia bizarra. Fiquei tão assustado que dei um passo para trás, meu coração acelerando enquanto meus amigos e eu ríamos nervosamente. Quem quer que tivesse criado aquela fantasia havia realmente se superado neste Dia das Bruxas. Tentei desesperadamente me distrair daquela imagem aterradora. Peguei outra bebida e até me atrevi a pedir uma música ao DJ, embora não tenha certeza se ele sequer me ouviu. Eu estava me esforçando para me divertir, tentando ignorar a sensação perturbadora, mas minha mente me forçou a olhar novamente na direção daquela pessoa misteriosa no canto do palco. Para meu alívio, ela

não estava mais lá, então pude suspirar fundo, pensando que talvez fosse apenas fruto da minha imaginação. Porém, quando me virei para pegar minha bebida, percebi que meu amigo estava tentando me comunicar algo com um olhar intenso. Ele apontava discretamente com a sobrancelha para alguma coisa. Ao seguir o que apontava, meu coração acelerou instantaneamente, quase pulando pela boca. A pessoa mascarada havia retornado. Em passos lentos, ela vinha em minha direção, como uma sombra sinistra se aproximando no meio da noite. Forcei um sorriso para disfarçar o medo que agora dominava meu corpo. A influência das bebidas já havia desaparecido, deixando-me parcialmente sóbrio naquele momento. À medida que a figura se aproximava, notei como suas mãos eram magras e enrugadas, manchadas com uma maquiagem que correspondia à que cobria seu rosto, com aquela pasta branca e preta. Suas unhas estavam cerradas, dando a impressão de que tinha arranhado o próprio rosto falso. A figura chegou o mais perto possível, parando a poucos centímetros do meu rosto, revelando um homem alto e esguio. Fui tomado por uma paralisia momentânea, e aqueles segundos se arrastaram como uma eternidade. Virei-me para meus amigos, que estavam perplexos, sem entender o que estava acontecendo. Um dos meus amigos olhou para mim e brincou, dizendo que aquele estranho estava interessado em mim. Todos riram, tentando quebrar o clima sinistro que se formava. Enquanto isso, o homem mascarado estava imóvel, como se fosse uma estátua formada em meus mais íntimos pesadelos. À medida que eu continuava olhando para ele, mais detalhes daquela fantasia incrível se revelavam.

Seus olhos eram apenas pequenos buracos obscuros, como se não houvesse nada por trás deles, apenas vazio. A boca estava coberta por aquelas linhas cirúrgicas que se assemelhavam a pontos de costura, dando a impressão de que seu rosto havia sido montado meticulosamente. E a ausência total de um nariz só tornava tudo ainda mais bizarro. Como ele consegue respirar com aquela máscara? Perguntas silenciosas e inquietantes ecoaram em minha mente enquanto eu tentava assimilar tudo aquilo. Depois de nos encararmos intensamente por minutos, decidi que era hora de romper com aquilo. Falei em voz alta que não estava interessado, não importando qual fosse a intenção daquele homem mascarado. Meus amigos riram ainda mais e o estranho continuou me encarando em silêncio por mais alguns segundos que pareceram horas. Meus braços e pernas tremiam ao ritmo da música estrondosa que fazia o chão vibrar sob meus pés. Então, de forma lenta e intencional, ele acenou com a cabeça em concordância e se afastou de nós, desaparecendo na multidão. Um de meus amigos brincou, dizendo que eu havia partido o coração daquele pobre rapaz. Sorri novamente, mais por inquietação do que qualquer outra coisa, tentando afastar os pensamentos ruins. Naquele instante, senti que o Dia das Bruxas havia sido arruinado para mim, mas ainda assim me esforcei para não deixar que

aquela experiência abalasse minha noite, enquanto a festa continuava a pulsar ao meu redor. Peguei outra bebida e avisei aos meus amigos que aquela seria minha última rodada, pois queria voltar para casa. Eles aceitaram a decisão, embora tenham protestado um pouco.

Despedi-me de todos, acenei ao DJ em agradecimento por ter atendido ao meu pedido de música e parti. Com minha casa a poucos metros de distância, decidi fazer o caminho a pé. As luzes das ruas lançavam um brilho sombrio no asfalto, dando o mínimo de iluminação para me sentir seguro. Mesmo sabendo que o bairro era conhecido por sua calmaria, aquela experiência continuava a ecoar em minha mente, e eu não podia evitar olhar por cima dos ombros, como se algo ou alguém estivesse me seguindo pelas penumbras. A cada passo que eu dava, minha cabeça girava intensamente, mas continuei seguindo adiante, determinado. Depois de alguns passos, senti minha pressão começar a cair. Talvez eu tivesse bebido mais do que imaginava, mas ainda conseguia contar os postes de luz enquanto caminhava. Meu corpo parecia mais pesado do que nunca, e o suor começou a brotar em minha pele em plena madrugada de inverno. As luzes dos postes pareciam piscar de maneira estranha e aleatória, como se fossem parar, mesclando-se com as sombras que dançavam ao meu redor. Meus olhos arderam intensamente, a ponto de prejudicar minha visão. Sentei-me na calçada, encostando-me em uma parede de uma casa qualquer. Decidi pegar meu celular e pedir uma carona para casa, pois parecia que eu não ia conseguir dar mais nenhum passo. Uma mensagem apareceu no meu celular, informando que o motorista que eu havia solicitado estava a apenas dois minutos de distância. Esperei ansiosamente, enquanto lutava para respirar, tentando recuperar o fôlego. Meus olhos pesavam cada vez mais, e a sensação de sono se aproximava rapidamente. Eu sabia que não podia dormir ali, então forcei meus olhos a se abrirem com dificuldade e me apoiei na parede, levantando-me o mais rápido que consegui. Foi um esforço sobrenatural, mas funcionou. Eu estava de pé, determinado a chegar em casa. Segundos depois, um carro preto se aproximou e parou em minha frente. Suspeitei que fosse o motorista que eu tinha solicitado, mas não consegui ver a placa do veículo. De repente, ouvi alguém me chamando pelo meu nome de dentro do carro, uma voz rouca e abafada, provavelmente devido aos vidros fechados. Tentei me aproximar da janela para ter um vislumbre do motorista, mas minha visão estava turva demais para focar em qualquer coisa. Mesmo assim, entrei pelo banco de trás, pois o fato de ele saber meu nome me deu uma falsa sensação de segurança.

Perguntei se estava seguindo o endereço correto que inseri no aplicativo, pois queria ter certeza de que não tinha cometido um erro. O motorista confirmou e apontou para a tela do celular, preso ao painel do carro. Usei todas as últimas forças que tinha para focar na tela e

confirmei que o endereço estava correto. No entanto, algo mais estarrecedor prendeu minha atenção: o dedo do motorista que apontava para a tela do celular era magro, com manchas pretas e brancas espalhadas pela pele, e as unhas estavam cerradas. Dei um salto involuntário no banco, meu coração disparou, minha mente congelou e meu corpo não respondeu. Olhei rapidamente para o espelho retrovisor do carro e essa foi a última imagem que fixei em minha mente antes de desmaiar: as órbitas obscuras me encarando, perdidas em um vazio eterno por trás daquela máscara sinistra.

Acordei, pelo menos pensei que havia acordado, porque aos poucos senti meu corpo se mexendo novamente, embora ainda estivesse envolto pela escuridão. Tentei mover meus membros e parecia que estava flutuando, como se estivesse preso em algum tipo de sonho grotesco. A sensação era estranha, como se um efeito anestésico que me mantinha imóvel estivesse se desvanecendo, revelando uma agonia lancinante que percorria cada músculo e centímetro da minha pele. As dores eram tão intensas que eu mal conseguia suportar. O pânico retornou com força total, junto com uma noção distorcida de espaço. Quando finalmente consegui abrir os olhos, tudo o que vi foi uma escuridão infinita. Lutei desesperadamente, me debatendo na água fria de uma banheira, que agora eu percebia estar cheia de gelo. A dor era insuportável, esfaqueando meu estômago, rosto e membros. Eu estava cercado pela água, enquanto ela transbordava. Não sabia o que estava acontecendo, tudo o que eu queria era chorar, esperando que esse pesadelo terrível acabasse. Mas a realidade era cruel demais para ser apenas um sonho. Estava preso e não tinha ideia de como sair. A dor havia se tornado uma parte terrível de quem eu era. Eu tentei, em vão, me acalmar, mas então, do meu lado, ouvi algo. Um leve suspiro passou rente ao meu rosto, seguido por um riso abafado e sádico. O desespero me engoliu como um abismo, e o medo se apoderou de mim de forma avassaladora. Minha primeira reação foi gritar, mas minha voz saiu abafada e quase inaudível. Desloquei meus braços em direção à minha boca, mas a sensação foi terrivelmente anormal. Ao tocar onde meus lábios deveriam estar, encontrei apenas pontos ásperos que pareciam costurar minha boca, impedindo qualquer barulho de emergir. Minha memória muscular tentou me iludir, fazendo-me acreditar que eram minhas mãos tocando meus lábios, mas eu sabia a verdade. Minhas mãos haviam desaparecido, assim como meus pés quando tentei me impulsionar para fora daquela banheira gelada. O riso abafado, que antes era apenas um murmúrio, deu lugar a uma gargalhada rouca, alta e desprovida de qualquer compaixão.

Eu compreendi que meu fim estava se aproximando rapidamente, e tudo o que eu desejava era que isso terminasse de uma vez por todas. Então, uma luz brilhou diante dos meus olhos por um instante, permitindo que eu finalmente enxergasse. A ardência permaneceu, e minha visão

estava embaçada, mas gradualmente, tudo começou a clarear. De algum jeito, me encontrei sentado em uma cadeira, olhando ao redor. Percebi a água espalhada pelo chão, um banheiro com pisos de porcelana tão brancos que quase vi meu próprio reflexo neles.

Envolto em seu pescoço, como se fosse um souvenir, minhas mãos penduradas. Olhei à minha frente e vi a banheira, água e gelo ainda transbordando com um corpo coberto de cicatrizes. Era um corpo magro, distorcido em algumas partes, e quase inteiramente desenhado por suturas perfeitas. Costuras nas extremidades dos braços, onde antes estavam as mãos. Costuras nas extremidades das pernas, onde antes estavam os pés. Costuras logo abaixo do umbigo, e eu podia sentir a dor penetrante nos rins, se é que ainda os tinha. E mais acima, uma boca costurada precisamente, fundida a um rosto que eu reconhecia. Era o meu próprio rosto, completamente desfigurado. Eu estava sem nariz, onde antes estavam meus olhos, agora só restava um vazio sombrio e ensanguentado.

A náusea se revirava em meu estômago, mas não conseguia vomitar. Nesse momento, eu tinha desistido de tudo. As mãos, manchadas de branco e preto, com unhas cerradas, segurava as minhas próprias mãos e as acariciava em admiração. Desviei meu olhar por um momento e deparei com um espelho macabro. A visão que se refletiu ali foi de repugnância pura, sem disfarces. Os olhos no espelho eram meus, abertos em um olhar fixo e sem pálpebras para fechar. O nariz era o meu, suturado naquele rosto monstruoso. E a boca, antes costurada, agora se escancarava em um sorriso grotesco e insano, revelando dentes amarelados e saliva escorrendo pelo canto esquerdo. Era como se ele quisesse que eu testemunhasse todo aquele horror com meus próprios olhos.

Enquanto eu encarava essa visão terrível no espelho eu senti meu corpo na banheira enfraquecendo, perdendo a energia que me restava. Meus olhos voltaram para o corpo na banheira, percebi estar levantando e me aproximando.

Em um último suspiro tentei me apegar nas lembranças de quem eu era, mas morria com a imagem de quem eu me tornei, restos em uma banheira, penetrando em minha mente para toda a eternidade.

Sinto as mãos daquela entidade indo em direção aos meus olhos e os arrancando de si mesmo, esmagando-os e me lançando para um universo de escuridão sem fim.

Finalmente eu estava livre.